



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**

**CENTRO DE HUMANIDADES**

**UNIDADE ACADÊMICA DE ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE**

**GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA EXPORTAÇÃO  
PARAIBANA DE ABACAXI NO MERCADO NACIONAL**

**EMANUEL DE SOUSA SILVA**

**CAMPINA GRANDE**

**2014**

Emanuel de Sousa Silva  
Administrador de Empresas

## **ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA EXPORTAÇÃO PARAIBANA DE ABACAXI NO MERCADO NACIONAL**

**ORIENTADOR:**

**Professor: José Sebastião Rocha**

Relatório de Estágio Supervisionado  
apresentado para obtenção do título de  
bacharel em administração de empresas.  
Área de Concentração: Comércio  
Internacional.

**CAMPINA GRANDE**

**2014**

# COMISSÃO DE ESTÁGIO

Membros:

---

Emanuel de Sousa Silva  
**Aluno**

---

José Sebastião Rocha  
**Professor Orientador**

---

Patrícia Trindade Caldas  
**Coordenadora de Estágio Supervisionado**

CAMPINA GRANDE  
2014

**EMANUEL DE SOUSA SILVA**

**ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DA EXPORTAÇÃO PARAIBANA DE  
ABACAXI NO MERCADO NACIONAL**

**Relatório aprovado em 14 de Abril de 2014**

---

José Sebastião Rocha, Mestre  
Orientador

---

Sídia Fonseca Almeida, Doutora  
Examinadora

---

Claudia Gomes de Farias, Mestre  
Examinadora

Campina Grande  
2014

## **DEDICO**

**Aos meus pais, José de Anchieta e Benvinda, por me proporcionar e incentivar a realização de mais uma etapa na minha vida;**

**Aos meus irmãos, pela força nos momentos difíceis e auxílios nos estudos;**

**A minha tia Maria do Carmo, por me dar abrigo durante quase 10 anos;**

**Aos meus familiares que sempre me incentivaram a seguir em frente.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, que acima de tudo me deu a graça da vida, a inteligência e a força para concretizar o sonho de me formar em um curso de graduação nesta instituição (UFCEG).

Ao professor José Sebastião Rocha pela orientação, incentivo e idéias durante o processo de formação do trabalho.

A minha ex-professora Danyelle Branco pela ajuda na escolha do tema e pelas dicas na formação do meu trabalho.

A professora Marielza Barbosa Alves e Ana Cecília, que me indicaram professores para a orientação deste trabalho.

A Coordenadora de estagio supervisionado Patrícia Trindade Caldas, pelo apoio e pela dedicação na função em que exerce;

Aos coordenadores do curso de Administração de Empresas da Universidade Federal de Campina Grande que ocupam o cargo hoje e aos que passar durante esses quatro anos que fiz parte dessa instituição, pela paciência e força de vontade para solucionar os inúmeros problemas que tivemos no decorrer do curso, principalmente nos momentos de matriculas.

Aos amigos das turmas em que fiz parte, pela compreensão, carinho e o compartilhamento dos momentos difíceis e prazerosos que vivemos juntos durante todo o processo da graduação.

Aos colegas dos outros cursos que durante a caminhada tive contato, pela agradável companhia nas horas vagas.

Aos amigos, Eduardo Bruno e Antônio Carlos, pelo forte laço de amizade que foi construído entre nós, que desde o início esteve comigo compartilhando todo o aprendizado, cooperando e incentivando para que chegássemos até o fim desta graduação.

Aos funcionários do departamento, em especial ao senhor José, pelo carinho e atenção nos atendimentos ao alunado.

A minha namorada Marta Iane pela paciência e a compreensão nos momentos que estive ausente, produzindo o trabalho acadêmico.

A todos que de uma forma direta ou indireta contribuíram para realização dessa etapa tão importante em minha vida.

“Cada sonho que você deixa para trás é um pedaço do seu futuro que deixa de existir”

**Steve Jobs.**

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>9</b>
<b>ABSTRAT.....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>12</b>
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>13</b>
<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>19</b>
2.1 Teoria da Vantagem Comparativa.....	19
2.2 A Fruticultura no Mundo, no Brasil e na Paraíba.....	22
2.2.1 A Fruticultura Mundial.....	22
2.2.2 A Fruticultura no Brasil.....	26
2.2.3 A Fruticultura na Paraíba.....	31
2.3 Análises dos Índices Utilizados no Estudo.....	34
2.3.1 Vantagem Comparativa Revelada (VCR).....	34
2.3.2 Modelo Constant Market Share (CMS).....	36
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>39</b>
3.1 Caracterização e Aspectos Operacionais da Pesquisa.....	39
3.2 Índices Utilizados na Pesquisa e Fonte de dados.....	39
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>41</b>
4.1 Análise do Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR).....	41
4.2 Análise do Modelo Constant Market Share (CMS).....	42
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>



## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo enfatizar a evolução competitiva da exportação do abacaxi da Paraíba em relação aos principais exportadores brasileiros da commodity levando em consideração o período de 2005 a 2012. Para alcançar esse objetivo foram utilizados dois índices para medir o grau de competitividade: Índice de vantagem comparativa revelada (VCR) desenvolvido por Balassa (1965) e o Constant Market Share (CMS). Os resultados mostram que a Paraíba vem evoluindo na produção e exportação do abacaxi e ganhando competitividade frente aos principais produtores da commodity Brasileira, assim, a Paraíba mostra-se uma grande potência nacional, caminhando a passos largos para se tornar o maior produtor e exportador de abacaxi do Brasil.

**Palavras Chaves:** Competitividade; Produção e Exportação do Abacaxi Paraibano; Análise Comparativa Revelada; Constant Market Share.

## ABSTRACT

This paper aims to emphasize the competitive evolution of export pineapple Paraíba in relation to the main Brazilian exporters of the commodity taking into consideration the period 2005-2012. Index of revealed comparative advantage (RCA) developed by Balassa (1965) and Constant Market Share (CMS): To achieve this goal two indices to measure the degree of competitiveness was used. The results show that the Paraíba has been evolving in the production and export of pineapple and gaining a competitive edge to the main Brazilian producers of commodity thus the Paraíba shown a great national power, striding to become the largest producer and exporter of pineapple Brazil.

**KeyWords:** Competitiveness; Production and Export Pineapple Paraíba; Revealed Comparative Analysis; Constant Market Share.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Produção Mundial de Frutas.....	22
Figura 2 – Exportações Mundiais de Abacaxis em (kg) e US\$ FOB.....	25
Figura 3 – Produção Brasileira de Frutas.....	26
Figura 4 – Exportações Brasileiras de Abacaxis em (kg) e US\$ FOB.....	30
Figura 5 – Exportações Paraibanas de Abacaxis em (kg) e US\$ FOB.....	33

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Importações de Abacaxis Brasileiros Pelos Blocos Econômicos.....	15
Tabela 2 – Principais Estados Brasileiros Exportadores de Abacaxis – (1000 US\$).....	17
Tabela 3 – Principais Países Produtores de Frutas no Mundo – 2012.....	23
Tabela 4 – Frutas mais Produzida no Mundo no Ano de 2012 – Toneladas.....	24
Tabela 5 – Principais Produtores Brasileiros de Frutas – 2011.....	27
Tabela 6 – Principais Frutas Produzidas no Brasil – 2011 e 2012.....	27
Tabela 7 – Principais Frutas Exportadas no Brasil – 2011 e 2012.....	28
Tabela 8 – Principais Estados Exportadores de Frutas no Brasil – 2011 e 2012.....	29
Tabela 9 – Principais Estados Produtores de Abacaxi no Brasil – 2010.....	31
Tabela 10 – Principais Estados Exportadores de Abacaxi no Brasil – 2012.....	32
Tabela 11 – Resultado do Índice de Vantagem Comparativa Revelada da Paraíba.....	40
Tabela 12 – Resultados Constant Market Share, Utilizando dados em Quantidade Exportada, para os Efeitos: Crescimento de Mercado, Destino das Exportações e Competitividade.....	41

## **LISTA DE SIGLAS**

ALCA – Área de Livre Comércio das Américas.

CMS – Constant Market Share.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária.

EUA – Estados Unidos da América.

FAO – Food and Agriculture Organization of The United Nation.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Ibraf – Instituto Brasileiro de Frutas.

MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil.

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul.

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior.

VCR – Vantagem Comparativa Revelada.

## 1 INTRODUÇÃO

O mercado mundial de frutas tropicais vem apresentando tendências ao crescimento desde a década de 2000/2010 e, continua mantendo um bom ritmo de crescimento nos anos posteriores. Os países em desenvolvimento são responsáveis por 98 % da produção total, enquanto os países desenvolvidos são responsáveis por 80% da importação desses produtos. A manga é a principal fruta tropical produzida atualmente, sendo responsável por 70% da produção mundial de frutas tropicais, os outros 30% são divididas entre o abacaxi, abacate e o mamão, segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – FAO (2010)<sup>1</sup>.

Os motivos que impulsionam o crescimento da produção de frutas devem-se além da busca por alimentos saudáveis, ricos em vitaminas e sais minerais, ao crescimento populacional, que ultrapassou os sete bilhões de habitantes em 2012. Tal fato deve-se a elevação da demanda ocasionada pelo crescimento populacional, e conseqüentemente, o aumento na renda da população mundial.

O setor frutícola brasileiro é um dos principais setores do agronegócio brasileiro. Trata-se de um seguimento forte e estratégico para o desenvolvimento econômico do país, levando em conta sua crescente participação nas exportações e o abastecimento do mercado doméstico nacional. Além de apresentar uma elevada rentabilidade e uma mão-de-obra expressiva (FIORAVANÇO e PAIVA, 2002).

O Brasil é um dos maiores produtores de alimentos do mundo, em 2012 conseguiu chegar a sua maior safra na história, com 166,2 milhões de toneladas. As principais causas para tamanha produção se dão pelas suas dimensões continentais e pela multiplicidade dos climas, que permitem a produção de quase todas as espécies existentes no mundo (ANUÁRIO BRASILEIRO DA FRUTICULTURA, 2013).

Apesar de o Brasil ter um alto índice de produtividade, ainda não apresenta uma participação relevante no mercado internacional de frutas, ficando claro seu fraco desempenho quando se refere à atividade exportadora (BRANCO, 2013). Este fato reflete o fraco desempenho exportador de todos os seguimentos do país, não só a do setor frutícola.

---

<sup>1</sup> Para mais informações, buscar no site: <http://www.fao.org/docrep/007/y5143s/y5143s13.htm>

As exportações brasileiras de frutas vêm crescendo nos últimos anos. Em cinco anos o setor movimentou de US\$ 700 milhões em 2006 à US\$ 875 milhões em 2010. Segundo o ministério da agricultura, pecuária e abastecimento do Brasil – MAPA (2011). Tendo assim um crescimento de 25% nas exportações do setor frutícola<sup>2</sup>.

O Brasil, em fevereiro de 2013, teve um aumento nas exportações de frutas frescas em torno de 36,27% (US\$) e 23,53% (Kg), dados comparados a fevereiro de 2012. No mesmo espaço de tempo houve um aumento nas importações de frutas frescas de 8,32 % (US\$) e uma diminuição de 5,97% em relação ao peso líquido (Kg). A balança comercial do mês fechou em alta de 93,38%. As dez principais frutas exportadas pelo Brasil em 2013 são responsáveis por 99% (US\$) e 99,6% (Kg) em relação ao total exportado. As principais frutas, exportadas pelo Brasil em 2013 foram; manga, melão, maçã, limão, mamão, figo, melancia, abacate, abacaxi e uva, nesta sequência.

As exportações brasileiras de frutas são em sua maioria, importadas pelos países desenvolvidos e pelos países que compõem a união européia. O abacaxi está entre as principais frutas exportadas pelo Brasil. Em se tratando dos blocos econômicos, o Brasil exporta abacaxi mais para a União Européia, seguido da ALCA e MERCOSUL, como mostra a tabela 1 abaixo.

Tabela 1. Importações dos Abacaxis Brasileiros pelos Blocos Econômicos. (US\$).

<b>BLOCOS ECONÔMICOS</b>	<b>UNIÃO EUROPEIA</b>	<b>ALCA</b>	<b>MERCOSUL</b>
<b>2012</b>	\$ 39.776.886	\$ 8.053.621	\$ 7.660.917
<b>2011</b>	\$ 5.129	\$ 1.396.474	\$ 1.170.569
<b>2010</b>	\$ 84.494	\$ 913.791	\$ 787.656
<b>2009</b>	\$ 8.775.577	\$ 1.803.976	\$ 1.784.880
<b>2008</b>	\$ 14.919.150	\$ 1.455.695	\$ 1.440.138
<b>2007</b>	\$ 15.978.138	\$ 1.648.050	\$ 1.642.039
<b>2006</b>	\$ 6.203.439	\$ 1.058.538	\$ 1.058.193
<b>2005</b>	\$ 4.792.716	\$ 1.308.344	\$ 1.307.643
<b>2004</b>	\$ 4.040.424	\$ 2.022.250	\$ 2.006.288

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do site Aliceweb, 2014.

Segundo Tomich (1999) citado por Aline Vitt (2009), os principais fatores que impulsionam o consumo das frutas nos países desenvolvidos, devem-se a um significativo aumento da renda da população; a conscientização da importância dos produtos naturais para a saúde; a um presente programa de incentivo ao consumo de frutas, onde se leva em conta o

<sup>2</sup> Para mais informações, buscar no site: <http://www.agricultura.gov.br/comunicacao/noticias/2011/02/exportacoes-de-frutas-crescem-25porcento-nos-ultimos-cinco-anos>.

consumo não só na hora da sobremesa mais em várias vezes ao dia; assim como, a uma diminuição do consumo de produtos com alto teor de gordura e enlatados com o objetivo de prevenção contra doenças cardiovasculares e câncer.

A região Nordeste destaca-se no setor, possuindo vantagens comparativas para a fruticultura, em relação às demais regiões do Brasil e, assegura a sua liderança na produção e exportação de frutas tropicais. A ocorrência desse fato se dá pelos fatores climáticos favoráveis, solo, localização, disponibilidade de água para irrigação, preço atrativo das terras e o baixo custo da mão-de-obra<sup>3</sup>.

Dentre as principais frutas produzidas na região Nordeste, encontra-se o abacaxi, fruta produzida em regiões tropicais e subtropicais que contribui no desenvolvimento econômico desta região e, tem a Paraíba, como principal estado produtor da fruta.

A Paraíba mantém o título de maior produtor de abacaxi do Brasil, seguido dos estados do Pará, Minas Gerais e Bahia (EMBRAPA, 2011)<sup>4</sup>. A produção de abacaxi na Paraíba deve-se em sua maioria, à agricultura familiar, sua produção concentra-se na Zona da Mata e Brejo do estado, local onde possui totais condições adequadas para o plantio da fruta.

Existem vários fatores, que fazem com que a Paraíba seja o estado que mais produz abacaxi no Brasil, dentre eles: o clima tropical úmido, o aparecimento de luz forte durante todo ano, umidade do ar geralmente superior a 70%, mananciais de água disponíveis e mão-de-obra. Esses dados fazem parte das regiões da Zona da Mata, Brejo e Litoral, regiões onde se cultiva o abacaxi na Paraíba<sup>5</sup>.

Por outro lado, o ponto fraco do estado para produção de frutas, está nas irregularidades das chuvas o que impede que a produção aumente ainda mais, e provoca prejuízos financeiros com a perda de plantações, mão-de-obra parada e manutenção de máquinas e ferramentas.

Embora a Paraíba seja o maior produtor de abacaxi do Brasil, o mesmo não acontece com as exportações da fruta no estado. O estado, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) ocupa até o ano de 2012, o terceiro lugar no ranking nacional de exportação da fruta, ficando atrás dos estados de Minas Gerais e Paraná respectivamente, como está detalhado na tabela 2 logo abaixo.

---

<sup>3</sup> Para mais informações, buscar no site: <http://www.embrapa.br/imprensa/noticias/2003/abril/bn.2004-11-25.0605617831/>.

<sup>4</sup> Para mais informações, buscar no site: [http://www.cnpmf.embrapa.br/planilhas/Abacaxi\\_Brasil\\_2011.pdf](http://www.cnpmf.embrapa.br/planilhas/Abacaxi_Brasil_2011.pdf).

<sup>5</sup> Para mais informações, buscar no site: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Abacaxi/CultivodoAbacaxiRO/clima.htm>



Tabela 2. Principais Estados Brasileiros Exportadores de Abacaxis – (1000 – US\$)

	<b>MINAS GERAIS</b>	<b>PARANÁ</b>	<b>PARAÍBA</b>	<b>SÃO PAULO</b>	<b>CEARA</b>
<b>2012</b>	426339	187401	166032	48173	0
<b>2011</b>	268424	268396	184716	433186	225905
<b>2010</b>	136009	242921	152434	238299	108337
<b>2009</b>	480089	488096	61137	598574	8363503
<b>2008</b>	427840	249881	138847	1012037	14325772
<b>2007</b>	519285	321351	64378	631356	15839988
<b>2006</b>	403232	138744	70294	227776	5908146
<b>2005</b>	762270	23997	40644	182797	4289953

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do Aliceweb, 2014

Por outro lado, observa-se que as exportações do abacaxi no estado da Paraíba vêm crescendo, desde o início do século XXI. Desta forma, pode-se acreditar que o estado possa ter, de fato, um grau de competitividade elevado a nível Brasil.

Diante desse contexto o presente estudo buscou responder ao seguinte questionamento Central: A Paraíba é competitiva a nível nacional para atuar no comércio da exportação do abacaxi durante o período de 2005 a 2012? Para responder à seguinte questão foram estabelecidos os seguintes objetivos geral e específicos a seguir.

**Objetivo Geral:** Analisar as exportações de abacaxi da Paraíba, verificando sua competitividade a nível nacional, procurando deduzir alguns elementos que contribuam para o crescimento nas exportações do abacaxi produzido na Paraíba entre os anos de 2005 a 2012.

**Objetivos Específicos:**

1. Averiguar a funcionalidade do modelo Ricardiano, para pensar a competitividade no comércio internacional;
2. Descrever o setor frutícola que envolve o abacaxi e as relações de mercado em nível de Paraíba, Brasil e mundo.
3. Buscar na análise dos índices de Vantagem Comparativa Revelada e no Constant Market Share (CMS), os resultados obtidos com o estudo de caso do abacaxi paraibano.

A escolha por estudar o abacaxi da Paraíba, como sendo o objeto de estudo desse texto, tem sua explicação relacionada à informação de que o estado é o maior produtor da fruta no Brasil (EMBRAPA, 2011). Partindo deste princípio, surgiu à necessidade de analisar suas exportações frente ao mercado nacional.

A análise proposta para atingir o objetivo, partirá dos cálculos elaborados pelos indicadores de Vantagem Comparativa Revelada – VCR e o indicador de Constant Market

Share – CMS (esse como complemento do trabalho), para o abacaxi do estado da Paraíba, tendo o propósito de verificar os efeitos que contribuíram para o desenvolvimento das exportações do abacaxi da Paraíba.

Assim sendo, o presente trabalho divide-se em três capítulos. Para que se chegue a atingir os objetivos descritos, além dessa introdução, teremos o capítulo 2, equivalendo à fundamentação teórica, pela qual, descreve a funcionalidade do modelo ricardiano. Para pensar a competitividade do abacaxi no mercado frutícola, analisando o setor frutícola mundial, brasileiro e paraibano.

No capítulo 3, serão expostos os dois modelos em estudo, o Constant Market Share (CMS) e a Vantagem Comparativa Revelada (VCR). Tendo, em seguida, as análises decorrentes das fontes pesquisadas e, dos resultados obtidos, no capítulo 4. Abrindo espaço, ainda nesse capítulo, para as considerações finais e conclusões obtidas no decorrer da construção do objeto, fontes de pesquisa e referências pesquisadas.

Logo, a pretensão desse texto, é contribuir para a literatura de pesquisas em torno do mercado frutícola nacional, levando em consideração a urgência do reconhecimento dessas novas relações de mercado, no estado da Paraíba, e a relevância de um estudo aprofundado na área.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 - Teoria da Vantagem Comparativa

Um país para se desenvolver economicamente em todos os aspectos setoriais, tal como: industrial, setor de serviços, nível de emprego e renda, padrão de vida, depende muito das situações econômicas de seus parceiros comerciais. Essa relação integra-se através dos movimentos internacionais de bens e serviços, mão-de-obra, fundos de investimentos e tecnologia (Carbaugh, 2004).

Correia e Rosa (2006) em um estudo sobre o comércio internacional deram ênfase ao crescimento no setor, gerado principalmente pela globalização, que proporcionou nos setores da economia mudanças importante. Assim os países forçados pela abertura comercial e as formações dos blocos regionais estão em busca de se tornarem mais competitivos, para tentar se enquadrar nas exigências do mercado externo. Para tanto;

“Esse processo proporcionou o crescimento das exportações e importações da maioria das nações industrializadas o que é mutuamente vantajoso. É possível com isso que os produtores de um país possam especializar-se e produzir em larga escala, ao mesmo tempo em que podem usufruir do consumo de uma variedade maior de produtos por um menor custo do que ocorreria na ausência de comércio. (Almeida *et al.*, 2007; apud CARVALHO E SILVA, 2000)”.

Vários modelos diferentes têm sido estudados, para prever os padrões de comércio internacionais e suas análises políticas. Porém no presente trabalho serão utilizados os conceitos do modelo Ricardiano para explicar a funcionalidade da Vantagem Comparativa no cenário do comércio internacional.

Krugman e Obstfeld (2010) afirmam que existem dois motivos básicos para que países participem do comércio internacional. Primeiro, eles diferem uns dos outros, por isso comercializam entre si, assim, ambos se beneficiam do que produzem melhor. Segundo, eles comercializam para obter economia de escala na produção, ou seja, produzindo uma gama menor de bens e serviços, poderá produzir cada um desses bens e serviços em escala maior assim trabalhariam com mais eficiência do que se tentasse produzir tudo.

As teorias sobre o comércio internacional tiveram seus princípios através das ideias do economista Adam Smith, que por meio de sua obra intitulada "A Riqueza das Nações",

editada em 1776, lançou-se mão da Teoria das Vantagens Absolutas. Smith acreditava que um país ou região deveria concentrar seus esforços na especialização das produções, com suas devidas divisões de trabalho em áreas internacionais e as trocas comerciais entre si, suprindo assim suas necessidades.

Em 1817, David Ricardo aprimorou o conceito de Adam Smith, desenvolvendo a teoria das vantagens comparativas (SIQUEIRA; PINHA, 2011). Segundo Bado (2004) o pressuposto da teoria de Ricardo (1979) estava baseado no princípio do livre comércio, criado por Smith, e no efetivo sobre a produtividade e a especialização dos países.

A Teoria das Vantagens Comparativas, afirma basicamente, que um país ou região para se tornar competitivo no âmbito do comércio internacional, deveria se especializar na produção de bens que possuam menores custos de produção quando comparado a outros bens. Um país possui vantagem comparativa na produção de um bem se o custo de oportunidade da produção desse bem em relação aos demais é mais baixo nesse país do que em outros (KRUGMAN; OBSTFELD, 2010).

Dessa forma, o custo de oportunidade permite um rearranjo benéfico da produção mundial, onde cada país exporta os bens que tem um custo de oportunidade menor e, importa bens com custo de oportunidade maior, logo aumenta o bolo econômico mundial. Assim, Krugman e Obstfeld (2010), afirmam que o comércio entre dois países pode beneficiar a ambos, se cada qual exportar os bens em que possui vantagem comparativa.

Outro fator importante é mencionado por Carbaugh (2004), onde chama atenção para o fato de que um bem ou serviço pode ser adquirido no comércio a custos mais econômicos, para isso tem mais sentido comprá-lo em vez de produzi-lo. Portanto, para que os bens possam ser produzidos e obtidos ao menor custo possível é necessário priorizar a forma em que os recursos disponíveis podem ser empregados.

Para Holanda (2002), a vantagem comparativa de um país define os setores/produtos onde sua inserção no comércio internacional é mais eficiente em termos de alocação de seus fatores de produção.

Hoje a teoria criada por David Ricardo é considerada um ponto de partida dos modelos de comércio internacional, tendo como base o diferencial tecnológico entre os países. Dessa forma o modelo torna-se um bom argumento em favor da abertura dos países para o comércio internacional, além de se posicionar através de fatores contrários as medidas protecionistas (MAIA *et al*, 2005).

Almeida et al (2007) descreve sobre a classificação dos indicadores de competitividade internacional a partir de três óticas, a saber: desempenho, eficiência e capacitação.

Os indicadores de desempenho caracterizam-se pelo foco nas maneiras em que a competitividade internacional se manifesta, voltadas para os comércios nacionais e internacionais. Os indicadores de eficiência identificam-se com os preços e custos dos bens e serviços comercializados e se relaciona com a produtividade técnica e econômica no uso dos fatores de produção.

Já os indicadores de capacitação, dão ênfase ao relacionamento determinante para o sucesso competitivo, associados à incorporação de avanços tecnológicos em produtos e processos, assim como, ao nível de composição dos investimentos privados públicos, levando em consideração investimentos feitos em capital humano.

Através dos conceitos relatados sobre a teoria das vantagens comparativas, percebe-se, que a principal consequência prática levada em conta é a que cada país ou região, tem o dever, de dedicar-se na especialização da produção de bens e serviços, nos quais os custos comparativos sejam menores, para assim poder tirar vantagens competitivas nas suas relações internacionais.

Almeida *et al* (2007) explica que existem alguns indicadores que mensuram os significados atribuídos a competitividade internacional, tais indicadores podem ser classificados em absolutos e relativos. Os indicadores absolutos referem-se à comparação do desempenho competitivo de um país, especificado em relação aos seus concorrentes no comércio mundial. Os indicadores relativos medem a relação entre o desempenho do setor em questão com os demais setores do mesmo país e até mesmo de seu concorrente.

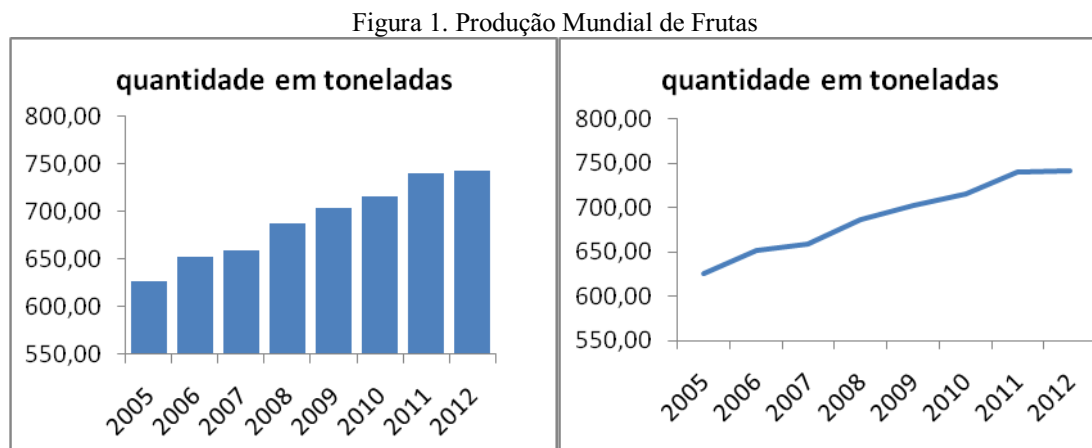
Neste trabalho, adota-se o uso do indicador relativo desenvolvido por Bela Balassa (1965), chamado de índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR), com a função de seguir a evolução do fluxo de comércio externo do abacaxi paraibano ao longo dos anos selecionados (que são de 2005 a 2012). Também será usado, para complementar o trabalho o modelo *Constant Market Share* (CMS), com a função de avaliar a participação de um país no fluxo mundial de comércio. Na próxima seção será abordada a metodologia e nela serão detalhada os dois métodos citados acima.

## 2.2 – A fruticultura no Mundo, no Brasil e na Paraíba

### 2.2.1 - A fruticultura Mundial

No mundo é cultivada uma grande diversidade de espécies frutícolas, sendo no hemisfério Norte, onde se produz e consome uma grande parte de frutas, pertencente ao clima temperado. Já no hemisfério sul, a produção e o consumo em grande escala se dá através do cultivo das frutas pertencentes aos climas tropicais e subtropicais.

A produção frutícola no mundo vem mostrando um constante crescimento ao longo dos anos. Se levarmos em consideração o ano de 2012, a produção girou em torno de 741 milhões de toneladas, sendo superior apenas 0,2% em relação ao ano de 2011 que obteve uma produção de 740 milhões de toneladas. Porém, se compararmos com o ano de 2010, o crescimento foi mais significativo, algo em torno de 3,61%, segundo dados da FAO (2014).



Fonte: Elaboração a Partir da FAO (2014)

\*Valores Totais: Frutas Primárias; Melões sem Frutas e Melancias

Em 2005, a produção total de frutas no mundo foi de aproximadamente 659 milhões de toneladas, segundo dados da FAO (2014). Entre 2005 e 2012 o crescimento total da produção de frutas girou em torno de 15,61%, apresentando um crescimento significativo para a produção do setor.

No ano de 2012, os maiores produtores de fruta no mundo foram China, Índia e Brasil, respectivamente, como mostra na tabela 3 logo abaixo. A China, em 2012, alcançou a produção de 209 milhões de toneladas. A Índia produziu em torno de 71 milhões de toneladas e o Brasil assumiu a terceira posição produzindo 40 milhões de toneladas. Os três países

juntos assumem as três primeiras posições desde o ano de 2000, segundo dados da FAO (2014).

Estados Unidos, com a produção de 28 milhões de toneladas, a Turquia com 19 milhões de toneladas produzidas e a Indonésia com a produção de 18 milhões de toneladas, tornaram-se quarto, quinto e sexto no ranking depois de China, Índia e Brasil. Assim, fecham os seis países que mais produziram frutas no mundo no ano de 2012, segundo dados da FAO (2014).

Tabela 3. Principais Países Produtores de Frutas no Mundo - 2012

<b>Países</b>	<b>Quantidade Tonelada</b>	<b>%</b>
<b>CHINA</b>	209.923.966	28,29
<b>ÍNDIA</b>	71.472.580	9,63
<b>BRASIL</b>	40.448.225	5,45
<b>DEMAIS PAÍSES</b>	420.072.454	56,63
<b>TOTAL</b>	741.917.225	100

Fonte: Elaboração a Partir da FAO (2014)

\*Valores Totais: Frutas Primárias; Melões sem Frutas e Melancias

Se contabilizadas, as produções dos três primeiros países produtores de frutas, quais sejam: China, Brasil e Índia, esses representam 43,37% do total de frutas produzidas no mundo, ou seja, os três países juntos representam quase 50 % do total das frutas que são produzidos em todo o planeta terrestre, restando 56,63% do total para os demais países produtores de fruta no mundo.

A China representa 28,29% da produção total, sendo melancias, maçãs, peras, tangerinas, pêssegos e nectarinas, bananas, laranjas, ameixas e mangas, as principais frutas produzidas no país. A Índia representa 9,63% da produção total, as principais frutas produzidas no país, são: bananas, mangas, mamões, laranjas, limões, maçãs, abacaxis, uvas, melancias e peras.

O Brasil, terceiro colocado no ranking dos maiores produtores de frutas do mundo, representa 5,45% de toda produção mundial de frutas, sendo as laranjas, bananas, abacaxis, melancias, mamões, uvas, maçãs, limões, mangas e tangerinas, as dez principais frutas produzidas no país. Sendo o único que produz uma grande diversidade de frutas, muito provavelmente devido à diversidade climática existente no país.

As frutas mais produzidas durante os anos de 2005 a 2012 foram banana e melancia, revezando-se na liderança em alguns anos, em seguida maçã, laranja e uva assumem a terceira, quarta e quinta posição. Manga, tangerina, pera, abacaxi e pêssego, nesta sequência,

completam a lista das 10 frutas mais produzidas no mundo, segundo dados da FAO (2014). Abaixo na tabela 4, segue os dados referentes às frutas mais produzidas no ano de 2012.

Tabela 4. Frutas Mais Produzidas no Mundo no Ano de 2012 – Toneladas

	<b>FRUTAS</b>	<b>QUANTIDADE</b>	
		<b>(T)</b>	<b>(%)</b>
<b>1</b>	<b>MELANCIA</b>	105.372.341	14,20
<b>2</b>	<b>BANANA</b>	101.992.743	13,75
<b>3</b>	<b>MAÇÃ</b>	76.378.738	10,29
<b>4</b>	<b>LARANJA</b>	68.223.759	9,20
<b>5</b>	<b>UVA</b>	67.067.129	9,04
<b>6</b>	<b>MANGA</b>	42.139.837	5,68
<b>7</b>	<b>TANGERINA</b>	27.060.756	3,65
<b>8</b>	<b>PERA</b>	23.580.845	3,18
<b>9</b>	<b>ABACAXI</b>	23.333.886	3,15
<b>10</b>	<b>PÊSSEGO</b>	21.083.151	2,84
	<b>DEMAIS FRUTAS</b>	185.684.040	25,03
	<b>TOTAL</b>	741.917.225	100

Fonte: Elaboração a Partir da FAO (2014)

\*Valores Totais: Frutas Primárias; Melões sem Frutas e Melancias

A fruta mais produzida no ano de 2012 foi a melancia, com 105 milhões de tonelada. Em seguida a banana, com 101 milhões de tonelada, a maçã com um total de 76 milhões de tonelada, laranja com 68 milhões de tonelada e a uva com 67 milhões de toneladas. As cinco frutas juntas obtiveram mais de 56% da produção total de fruta no mundo.

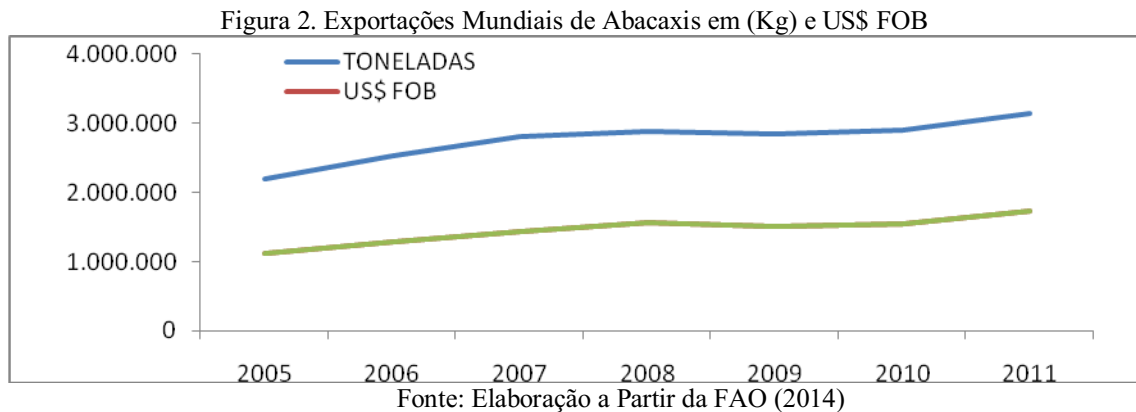
O abacaxi aparece como sendo apenas a oitava fruta mais produzida no mundo, representando 3,15% do total das frutas produzidas em todo planeta terra, sua produção foi em torno de 23 milhões de toneladas, segundo dados da FAO (2014).

Os principais países produtores de abacaxi do mundo foram: Tailândia, Costa Rica, Brasil e Filipinas. A Tailândia em 2012 produziu 2.650 milhões de toneladas, sendo o país com a maior produção de abacaxi no mundo, o que representou aproximadamente de 11% da produção total mundial. Em seguida, Costa Rica produziu 2.484 milhões de toneladas, Brasil produziu 2.478 milhões de toneladas, Filipinas 2.397 milhões de toneladas e a Indonésia com a produção de 1.780 milhões de toneladas, tornaram-se nesta sequência os cinco principais países que mais produziram abacaxi no mundo no ano de 2012.

A exportação mundial de abacaxi girou em torno de 3.146 milhões de toneladas no ano de 2012, chegando ao ápice na história das exportações mundiais da fruta. As exportações giraram em torno de US\$ 1.727 milhões no mundo. A Figura 2 apresenta as exportações de



abacaxi no mundo, comparando os volumes exportados com o giro monetário, do período compreendido entre os anos de 2005 a 2011.



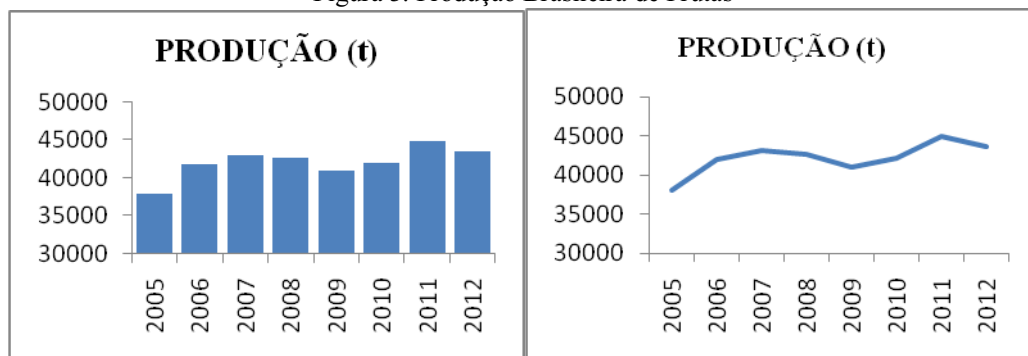
As exportações de abacaxi no mundo apresentam crescimento constante entre os anos de 2005 a 2011. Em 2011 o crescimento foi de 7,57% em relação ao ano anterior, um valor considerável em um pequeno espaço de tempo. Se comparado com 2005, o crescimento foi ainda mais significativo algo em torno de 30% em apenas sete anos.

### 2.2.2 - A Fruticultura no Brasil

O Brasil é um país que apresenta uma grande diversidade de espécies frutícolas, muito provavelmente por conta das diversidades climáticas existentes, por isso as frutas são cultivadas em todos os estados do país. A atividade frutícola se consolida como uma das que mais gera emprego e renda dentro do agronegócio nacional, o presidente do Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf), Moacyr Saraiva Fernandes, estima que o setor seja responsável pela abertura de 2,5 milhões de vagas no mercado de trabalho.

Segundo o anuário brasileiro de frutas (2013), no Brasil a produção de frutas vem sendo observada com mais atenção, isso porque, na última década a produção foi ampliada em 22,49%. Em 2001 a colheita se situava em 36.699 milhões de toneladas, passando a colher 44.954 milhões de toneladas em 2011. Esses dados foram levantados através do acompanhamento das 20 principais espécies de frutas produzidas no Brasil. A figura 3 abaixo mostra a evolução da produção brasileira de fruta de 2005 a 2012.

Figura 3. Produção Brasileira de Frutas



Fonte: Elaboração Própria a partir de Dados do Anuário Brasileiro de Frutas 2013/ IBRAF. 2014

A produção de frutas no Brasil apresentou um crescimento significativo de 12,83%, se considerarmos os anos de 2005 a 2012. Porém, em alguns anos houve queda no rendimento produtivo com relação ao ano anterior, como foi o caso dos anos de 2008 que produziu 435 toneladas a menos que 2007, e 2012, que produziu 1.359 toneladas a menos que 2011, desacelerando pontualmente o crescimento produtivo do país.

Os estados que mais produziram frutas no agronegócio brasileiro em 2011 foram São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Pará, nesta ordem. A Paraíba foi a 13ª colocada nesta lista. São Paulo sozinho representa quase 43% da produção total do Brasil, junto com a Bahia, correspondem a 55% de toda produção brasileira de fruta. A tabela 5

abaixo lista os principais estados produtores de fruta no Brasil e sua proporção no quadro nacional.

Tabela 5. Principais Produtores Brasileiros de Frutas – 2011

	<b>PAÍSES</b>	<b>PRODUÇÃO (t)</b>	<b>(%)</b>
1	<b>SÃO PAULO</b>	19.186.649	42,68
2	<b>BAHIA</b>	5.401.625	12,02
3	<b>RIO GRANDE DO SUL</b>	2.778.620	6,18
4	<b>MINAS GERAIS</b>	2.690.450	5,98
5	<b>PARÁ</b>	1.656.800	3,68
13	<b>PARAÍBA</b>	854.627	1,90
	<b>DEMAIS ESTADOS</b>	12.385.361	27,44

Fonte: Elaboração Própria/Anuário Brasileiro de Frutas 2013/ IBRAF. 2014

Se contabilizados, os cinco principais produtores de fruta do Brasil, ambos representam mais de 70% de toda produção de fruta do país, restando apenas pouco menos de 30% para os outros estados, que são divididos para 21 estados e um distrito federal. A Paraíba aparece com 1,9% desse total, ficando em 13º no ranking geral do Brasil.

As frutas mais produzidas em 2012 foram laranja, com uma produção de 19 milhões de toneladas, banana com pouco mais de 6 milhões de toneladas e, abacaxi com 3 milhões de toneladas produzidas, nesta sequência. Em seguida melancia, coco, mamão, uva, maçã, manga e limão, ocupam, respectivamente, as terceira, quarta, quinta, sexta, sétima, oitava, nona e décimas posições. A Tabela 6 lista as principais frutas produzidas em 2011 e 2012 no Brasil, bem como suas produções em toneladas e áreas plantadas em hectares.

Tabela 6. Principais Frutas Produzidas no Brasil -2011 e 2012

	<b>FRUTAS</b>	<b>ÁREA (há)</b>	<b>2011 VOLUME (t)</b>	<b>2012 VOLUME (t)</b>
1	<b>LARANJA</b>	818.685	19.811.064	19.059.890
2	<b>BANANA</b>	505.665	7.329.471	6.861.719
3	<b>ABACAXI</b>	62.868	3.187.463	3.187.463
4	<b>MELANCIA</b>	98.501	2.198.624	2.198.624
5	<b>COCO</b>	271.633	1.962.434	1.912.319
6	<b>MAMÃO</b>	35.881	1.854.343	1.854.343
7	<b>UVA</b>	84.339	1.524.068	1.455.056
8	<b>MAÇÃ</b>	38.077	1.338.995	1.338.270
9	<b>MANGA</b>	76.391	1.249.521	1.249.521
10	<b>LIMÃO</b>	47.528	1.126.736	1.126.736
	<b>DEMAIS FRUTAS</b>	195.019	3.354.346	3.354.346

Fonte: Elaboração Própria/Anuário Brasileiro de Frutas 2013/ IBRAF. 2014

As exportações de frutas no Brasil começaram a ter significado apenas a partir da década de 80, sendo registrado pouco volume antes disso. Contudo, só na década de 2000, que as exportações começaram a apresentar resultados significativos, devido a valorização do dólar, políticas governamentais e privadas de incentivo à produção, expansão de áreas produtoras, certificação da fruta, melhora da qualidade e dos meios de distribuição, entre outros.

As exportações brasileiras de frutas frescas em 2012 aumentaram em 1,73% em comparação com o ano de 2011, chegando a exportar aproximadamente 693 mil toneladas. A fruta mais vendida para o exterior foi o melão, chegando a exportar 181, 767 mil toneladas, o que representou 26,22% no total de frutas brasileiras exportadas. Em seguida, manga, banana, limão e maçã fecham como as cinco principais frutas, mais exportadas no país, segundo o Anuário Brasileiro da Fruticultura (2013). A tabela 7 mostra as frutas brasileiras que mais foram exportadas assim como suas receitas em 2012.

Tabela 7. Principais Frutas Exportadas no Brasil -2011 e 2012

	<b>FRUTAS</b>	<b>RECEITA (US\$ FOBI)</b>	<b>VOLUME (KG)</b>
1	<b>MELÃO</b>	134.114.090	181.767.594
2	<b>MANGA</b>	137.588.916	127.002.229
3	<b>BANANA</b>	34.504.534	92.972.951
4	<b>LIMÃO</b>	59.882.439	72.810.401
5	<b>MAÇÃ</b>	48.559.505	72.252.803
6	<b>UVA</b>	121.890.881	52.015.627
7	<b>MELANCIA</b>	16.979.924	33.543.998
8	<b>MAMÃO</b>	36.358.922	26.130.743
9	<b>LARANJA</b>	8.745.906	22.447.476
10	<b>ABACATE</b>	6.841.371	4.273.039
11	<b>BANANA-DA-TERRA</b>	900.166	2.726.129
12	<b>FIGO</b>	8.480.203	1.632.420
13	<b>TANGERINA</b>	1.419.470	1.357.040
14	<b>ABACAXI</b>	851.439	1.356.500
15	<b>CAQUI</b>	533.422	222.160
16	<b>OUTRAS FRUTAS</b>	1.169.961	509.293

Fonte: Elaboração Própria/Anuário Brasileiro de Frutas 2013/ IBRAF. 2014

O abacaxi encontra-se na 14<sup>a</sup> colocação entre as frutas mais exportadas pelo Brasil em 2012, exportando 1.356 toneladas. Em 2011, as exportações giraram em torno de 2.238 toneladas, o que resultou em queda nas exportações da fruta. O Pará é o estado que mais

exportou a fruta em peso líquido (Kg) no ano de 2012, seguidos de Minas Gerais, Paraíba, Tocantins e Rio Grande do Sul, como segue na tabela 8 abaixo.

Tabela 8. Principais Estados Exportadores de Frutas no Brasil -2011 e 2012

<b>ESTADOS</b>	<b>PESO LIQUIDO (Kg)</b>	<b>ESTADOS</b>	<b>US\$ FOB</b>
<b>PARÁ</b>	1444600	<b>PARÁ</b>	2533692
<b>MINAS GERAIS</b>	793406	<b>MINAS GERAIS</b>	498998
<b>PARAÍBA</b>	339406	<b>RIO GRANDE DO SUL</b>	478133
<b>TOCANTINS</b>	261750	<b>TOCANTINS</b>	471070
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>	199366	<b>PARAÍBA</b>	416040

Fonte: Elaboração Própria/Anuário Brasileiro de Frutas 2013/ IBRAF. 2014

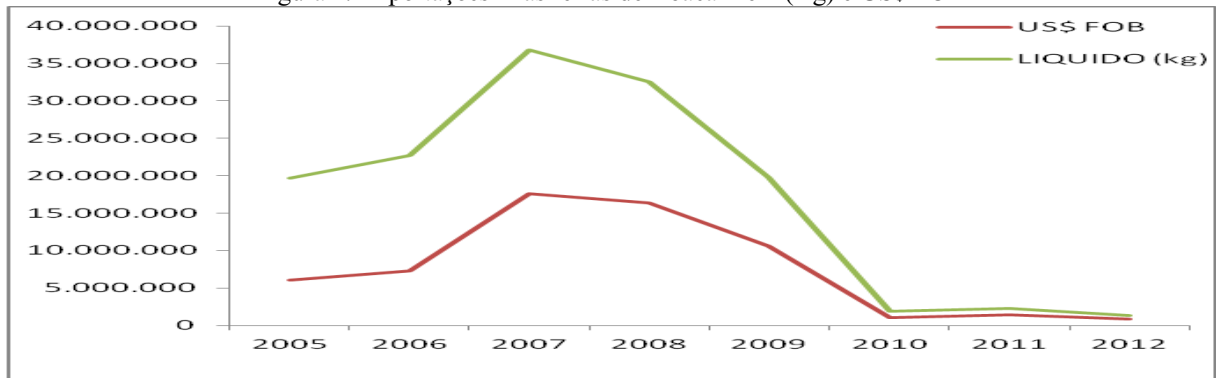
A tabela (8) acima mostra também os resultados das exportações de abacaxi em valores monetários (US\$ FOB), onde a Paraíba mesmo obtendo maior quantidade líquida (kg) exportada de abacaxi, que lhe faz aparecer na terceira posição, perde sua posição para os estados do Rio Grande do Sul e Tocantins em receitas acumuladas, ficando em quinto colocado no ranking dos estados exportadores da fruta.

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014), os destinos dos abacaxis brasileiros, entre os anos de 2005 e 2012 foram: Itália, Países Baixos (Holanda), Argentina, Alemanha, Espanha, Uruguai, Portugal, Reino Unido, Estados Unidos e França, respectivamente.

Ainda segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014), no período em que compreende os anos entre 2005 e 2012 o país exportou em quantidade 136.953.136 (kg) e arrecadou uma receita em torno de US\$ 61.212.332,00. A Itália foi o país que mais importou o abacaxi brasileiro, representando 25,55% de todo produto exportado. Os três principais importadores do abacaxi do Brasil foram Itália, Holanda e Argentina, representam 67% do que foi vendido pelo país.

As exportações de abacaxi nos últimos anos apresentaram valores descendentes. A Figura 4 apresenta as exportações de abacaxi do Brasil, comparando os volumes exportados com as receitas, do período compreendido entre os anos de 2005 a 2012.

Figura 4. Exportações Brasileiras de Abacaxi em (Kg) e US\$ FOB



Fonte: Elaboração Própria a partir de Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014)

Os anos de 2007 e 2008 correspondem ao período de maior faturamento das exportações brasileiras de abacaxi, correspondendo um total de 36.764.092 (kg) exportados e, uma receita de US\$ 17.633.858,00 e 32.565.997 (kg) exportado com receita de 16.381.055,00, respectivamente.

Os principais fatores, que fazem com que haja irregularidades na produção das frutas no Brasil, são as condições climáticas, principalmente no Nordeste que é a região onde se exporta mais fruta no país. A preocupação maior é com as irregularidades climáticas a exemplo da seca que se prolongou em 2012 e 2013. Porém, acredita-se que em um futuro próximo, as colheitas sejam mais eficientes devido à criação de novas tecnologias.

### 2.2.3 - A fruticultura na Paraíba

A Paraíba se destaca no setor frutícola na produção de abacaxi e caju. O estado se consolida como sendo o maior produtor de abacaxi do país. Porém, outras frutas têm destaque menos significativos em meio ao setor frutícola, como é o caso da banana, do coco-da-baia, da goiaba, do melão, da manga dentre outras.

As produções das frutas no estado têm como destino principal o mercado doméstico brasileiro, destinando uma grande parcela de sua produção para o mercado das regiões Sul e Sudeste do país, suprimindo o consumo local.

A produção de frutas na Paraíba acompanha o crescimento produtivo do Brasil e do mundo, o estado em 2007 produzia 625.527 toneladas de frutas, em 2011 passou a produzir 854.672 toneladas, o que representou um crescimento significativo de 26,81% na sua produção total em apenas quatro anos.

A Paraíba é o estado com a maior produção de abacaxi do Brasil, em 2010 sua produção girou em torno de 273.910 frutos colhidos, o que representou 18,63% de toda produção do país, desbancando os estados do Pará com uma produção de 254.347 frutos colhidos e Minas Gerais que produziu um total de 222.199 respectivamente. Bahia, Rio Grande do Norte e São Paulo, assume as quarta, quinta e sexta posição no ranking de maiores produtores de abacaxi do Brasil no ano de 2010, como mostra na tabela 9 abaixo.

Tabela 9. Principais Estados Produtores de Abacaxis no Brasil - 2010

<b>ESTADOS</b>	<b>AREÁ COLHIDA (he)</b>	<b>PRODUÇÃO (mil)</b>	<b>%</b>
<b>PARAÍBA</b>	9.299	273.910	18,63
<b>PARÁ</b>	8.588	254.347	17,30
<b>MINAS GERAIS</b>	7.560	222.199	15,11
<b>BAHIA</b>	5.325	139.324	9,48
<b>RIO GRANDE DO NORTE</b>	3.321	85.165	5,79
<b>SÃO PAULO</b>	3.867	77.729	5,29
<b>DEMAIS ESTADOS</b>	20.547	417.717	28,41
<b>TOTAL</b>	58.507	1.470.391	100

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal -2010

Apesar de a Paraíba ser o maior produtor de abacaxi do Brasil, o mesmo não acontece com as exportações da fruta, o estado ocupa a quinta posição na lista dos estados que mais exportam abacaxi no Brasil, ficando atrás dos estados do Pará, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Tocantins.

O estado exportou 339.406 (Kg) de abacaxi no ano de 2012, tendo uma participação de apenas 0,04% no total produzido no referido ano. Os 99,96% restantes da produção foram destinados ao consumo interno. A tabela 10 vai mostrar a lista dos estados que mais exportaram abacaxi em 2012, levantando dados, referente ao peso líquido (Kg), e ao valor monetário US\$.

Tabela 10. Principais Estados Exportadores de Abacaxis no Brasil - 2012

<b>ESTADOS</b>	<b>US\$ FOB</b>	<b>PESO LÍQUIDO (KG)</b>
<b>PARÁ</b>	2.533.692	1.444.600
<b>MINAS GERAIS</b>	498.998	793.406
<b>RIO GRANDE DO SUL</b>	478.133	199.366
<b>TOCANTINS</b>	471.070	261.750
<b>PARAÍBA</b>	416.040	339.406

Fonte: Elaboração Própria/Anuário Brasileiro de Frutas 2013/ IBRAF. 2014

Segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014), os destinos dos abacaxis paraibanos entre os anos de 2005 a 2012, foram os países a seguir: Uruguai, Portugal, Argentina e Estados Unidos. Desde 2011 a Paraíba passou a exportar abacaxi, sequencialmente, apenas para o Uruguai, Portugal, Suíça e Argentina.

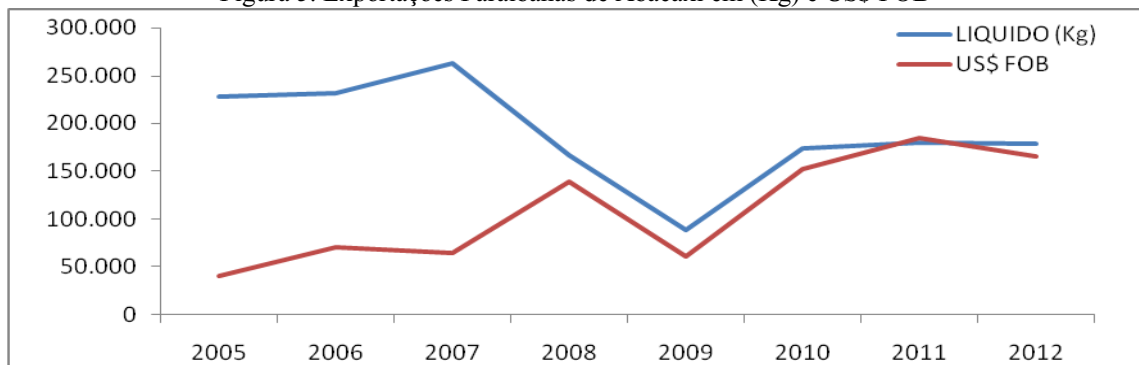
Ainda segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014), entre os anos de 2005 a 2012 o estado exportou quantitativamente 1.610.092 líquido (Kg) e obteve uma receita de US\$ 878.482,00. O Uruguai foi o país que mais comprou a fruta paraibana, 88,13 % de toda exportação foram para lá destinada. Portugal, Argentina e Estados Unidos juntos compraram 10,65%. Assim, os quatro países juntos compram da Paraíba mais de 98% do que foi exportado. Espanha, Suíça, Itália, Alemanha e França, foram os demais países importadores do abacaxi da Paraíba.

Em 2012, a Paraíba exportou abacaxi apenas para três países, o equivalente a 178.756 (kg) e obteve uma receita de US\$ 166.032. O Uruguai importou 174.445 (kg) da fruta o que gerou uma receita de US\$ 161.979, Portugal comprou 3.274 (Kg) gerando uma receita de US\$ 2.647,00 e a Suíça importou 1.037 (Kg) gerando US\$ 1.406 de receita para o estado.

As exportações de abacaxi do estado em volume líquido (kg) e, suas receitas, apresentam desempenhos controversos. A Figura 5 apresenta as exportações de abacaxi da Paraíba comparando os volumes exportados com as receitas recebidas, do período compreendido entre os anos de 2005 a 2012.



Figura 5. Exportações Paraibanas de Abacaxi em (Kg) e US\$ FOB



Fonte: Elaboração Própria a partir de Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (2014)

Os anos de 2011 e 2012 correspondem ao período de maior faturamento das exportações de abacaxi da Paraíba, compreendendo US\$ 184.716,00 e US\$ 166.032,00, respectivamente. Porém, em quantidade exportada, os anos de 2008 e 2007 foram o que corresponderam a uma maior quantidade exportada, compreendendo 266.090 (kg) e 263.091 (kg), respectivamente.

## 2.3 – Análises dos Índices Utilizados no Estudo

### 2.3.1 - Vantagens Comparativas Reveladas (VCR)

Sabemos que cada país ou região em meio ao comércio internacional, contribui para seu ganho no mercado, produzindo e exportando uma *commodity* em que produza com mais eficiência visando obter economia de escala na produção. A teoria proposta por David Ricardo (início do século XIX) fazia basicamente esse tipo de referência. Partindo do pressuposto, Siqueira e Pinha (2011) expõem que Bela Balassa (1965) utilizou o índice de vantagens comparativas reveladas para mensurar o nível competitivo ou as vantagens comparativas de um país e/ou região.

Ainda de acordo com Siqueira e Pinha (2011) a Vantagem Comparativa Revelada (VCR), proposta por Balassa, utiliza dados de preços pós-comércio e é um método bastante utilizado para determinar a competitividade de uma determinada região. Os cálculos utilizados nas análises do VCR expõem dados observados, *ex-post* ao comércio, trazendo mais confiança nos resultados por se tratar de dados históricos, por isso constitui-se em uma medida revelada. Balassa (1965) considera que o desempenho das exportações de um determinado país ou região, em uma categoria de produtos individuais, analisa suas vantagens comparativas reveladas em um setor específico.

Por isso o principal argumento do VCR, está baseado na especialização de um bem, em que possa exportar com menor custo benefício possível, para que assim possa importar certos bens de outros países ou regiões, mantendo as diferenças de custos relativos existentes satisfatórios. Assim esse índice é utilizado para descrever os padrões do comércio que tem seu lugar na economia, mas eles não permitem dizer se esses padrões são ótimos ou não.

Esse índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) tem sido amplamente utilizado na literatura econômica, tanto no âmbito regional, nacional como internacional, procurando compreender a competitividade de vários produtos e serviços, entre eles: Siqueira e Pinha (2011) utilizaram o VCR para avaliar a competitividade do Brasil no comércio internacional de lácteos; Isis Maria (2012) lançou mão da análise por Vantagem Comparativa Revelada para exportações do Rio Grande do Norte; Danyelle Branco (2013) empregou o índice para analisar a competitividade das exportações do Brasil de frutas selecionadas no mercado internacional; Hidalgo (2000) fez referência ao índice para avaliar a competitividade das exportações da região Nordeste do Brasil.

Segundo Hidalgo (2000) o indicador VCR proposta por Balassa, procura calcular as participações de uma *commodity* em um país e/ou região em relação às exportações mundial da mesma *commodity*. Assim o indicador de vantagem comparativa revelada para uma região *j* em um produto ou setor da economia *i* pode ser definido como a seguir:

$$VCR_{ij} = \frac{\frac{X_{ij}}{X_{iz}}}{\frac{X_j}{X_z}}$$

Onde:

$VCR_{ij}$  É a vantagem comparativa revelada do produto *i* no agronegócio da região *j*;

$X_{ij}$  Representa as exportações do produto *i* do agronegócio da região *j*;

$X_{iz}$  Representa as exportações do produto *i* do agronegócio em relação à região de referência *z*;

$X_j$  Refere-se às exportações totais do agronegócio da região *j*;

$X_z$  Refere-se às exportações totais do agronegócio na região de referência *z*.

Os resultados do modelo  $VCR_{ij}$  assumem valores que podem variar de zero (0) até infinito, assim se o  $VCR_{ij}$  for superior a 1, implica dizer que a região *j* possui vantagem comparativa revelada para a produção e/ou exportação do produto *i*. Dessa forma, a região *j*, encontra-se relativamente especializada na produção e exportação do produto *i*, satisfazendo tanto o mercado doméstico quanto exportando em boa quantidade.

Já quando o  $VCR_{ij}$  assumir valor inferior a 1, significará que a região *j*, apresentará desvantagem comparativa revelada na produção e/ou exportação do produto *i*, demonstrando que a região *j*, não está qualificada para produzir e/ou exportar o produto *i*, assim a melhor opção será importar o produto *i* em questão. O outro valor que o  $VCR_{ij}$  pode assumir, seria  $VCR_{ij}$  igual a 1, o que permite dizer que não existe vantagem nem desvantagem na produção da *commodity*, preenchendo as necessidades de consumo interno. Porém sem ter excedentes na produção para exportar o produto *i*.

Portanto, diante das possibilidades de análises propostas por esses autores, iremos utilizar os métodos aplicados para dar embasamento à análise da produção e exportação do abacaxi na Paraíba.

### 2.3.2 - Modelo Constant Market Share (CMS)

Neste capítulo abre-se uma discussão a respeito do modelo Constant Market Share (CMS), visando analisar os principais comportamentos da participação de um país ou região no comércio mundial, procurando identificar fatores circunstanciais das atuações de suas exportações em um determinado período de tempo.

O CMS permite a determinação dos fatores que influenciam no desempenho das exportações de um determinado produto, com base nos mercados de destinos e nas importações totais mundiais (VITTI, 2009). Rocha e Mendonça (2002) afirmaram que o CMS atribui o crescimento favorável ou desfavorável do setor exportador de um dado país ou região à estrutura das exportações e também a competitividade.

O modelo (CMS) tem sido utilizado para analisar a evolução de diversos setores exportadores, abrangendo suas análises tanto para produtos industriais quanto para produtos agrícolas. No Brasil foram desenvolvidos vários trabalhos com essa ferramenta, entre eles destaca-se Stalder (1997) para a açúcar, Carvalho (1995) para o complexo industrial, Alves (2000) para a manga, Mendonça et al (2009) para a castanha de caju, dentre outros.

Este modelo tem como objetivo exposto, destinar e quantificar a presença dos principais fatores que levaram ao crescimento das exportações de determinado produto e em certo período de tempo. Assim Leamer e Stern (1970) desenvolveram uma equação completa do modelo onde foi reorganizada de modo a atender as necessidades da pesquisa. Partindo deste pressuposto a taxa de crescimento das exportações é subdividida em três etapas, que são: efeito crescimento do comércio mundial, efeito destino das exportações, e o efeito competitividade. Logo, subdivide-se a fórmula da seguinte forma:

$$\sum_k (V'_{ik} - V_{ik}) = \sum_k (r_i V_{ik}) + \sum_k (r_{ik} - r_i) V_{ik} + \sum_k (V'_{ik} - V_{ik} - r_i V_{ik})$$

Onde:

$(V'_{ik} - V_{ik})$  Representa a taxa de crescimento do valor das exportações do produto i da região j para o mercado k;

$V'_{ik}$  É o valor das exportações do produto i da região j para o mercado k no período 2;

$V_{ik}$  É o valor das exportações do produto i da região j para o mercado k no período 1;

$r_i$  Refere-se à taxa de crescimento do valor das exportações mundiais do produto  $i$ , do período 1 para o período 2;

$r_{ik}$  Representa a taxa de crescimento do valor das exportações mundiais do produto  $i$  para o mercado  $k$ , do período 1 para o período 2.

Dessa forma a equação (2) trabalha na construção de uma taxa de crescimento das exportações da região em questão, subdividindo-se em três efeitos, a seguir:

I. Efeito Crescimento do Comércio Mundial,  $\sum_k (r_i V_{ik})$ :

Mede a variação das exportações totais do produto  $i$  da região  $j$ , considerando a mesma taxa de crescimento do comércio mundial. Dessa forma, o crescimento das exportações da região  $j$  seria reflexo do crescimento das exportações mundiais do produto em questão.

II. Efeito destino das exportações,  $\sum_k (r_{ik} - r_i) V_{ik}$ :

Tem a função de medir os ganhos ou perdas nas exportações do produto  $i$ , levando em consideração o mercado de destino e verificando se este mercado oferece crescimento a taxas superiores ou inferiores à média observada para todos os países. A partir do resultado deste efeito, identifica-se a viabilidade das exportações para países mais ou menos dinâmicos.

III. Efeito Competitividade,  $\sum_k (V'_{ik} - V_{ik} - r_i V_{ik})$ :

Corresponde a variação nas exportações do produto  $i$  da região  $j$  em questão, devido ao desempenho na competitividade relativa nos mercados em que atua. Os principais aspectos a serem levados em conta, são: qualidade do produto a ser exportadas, mudanças nas estruturas de preços e custos e nas condições de investimentos.

O modelo Constant Market Share (CMS), para ser totalmente desenvolvido necessita de informações referentes a períodos definidos na análise dos dados. No presente trabalho, foram selecionados dois períodos. Ambos os períodos contêm o mesmo número de anos a serem analisados, no caso em estudo foram utilizados quatro (4) anos em cada período. É

importante ressaltar que nas definições dos períodos devem ser observadas mudanças verificadas nas políticas macroeconômicas dos países e no mercado internacional.

Desta forma foram utilizados dois períodos para análise, onde o principal argumento foi a crise econômica mundial iniciada em 2008, causada pelo desequilíbrio econômico da maior economia mundial, os Estados Unidos da América.

2005/2008: Este período compreende-se os anos antes da crise econômica mundial;

2009/2012: Este período representa os anos pós crise econômica mundial.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 - Caracterização e Aspectos Operacionais da Pesquisa

A pesquisa utilizada no que diz respeito aos fins, foi classificada em descritiva e exploratória. Segundo Gil (1995), a pesquisa exploratória tem por finalidade tornar o problema mais explícito ou construir hipóteses, proporcionando maior grau de familiaridade com os mesmos. Podendo ser destacado como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Assumindo na maioria dos casos a forma de pesquisa bibliográfica ou estudo de caso.

A pesquisa descritiva por sua vez, afirma Gil (1995), tem por objetivo primordial a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Podemos ressaltar como características mais relevantes à utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática.

Quanto aos procedimentos para obtenção de dados, No que diz respeito aos meios para atingir aos objetivos e obter a resposta do problema, este estudo utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental indireta, caracterizada por meios eletrônicos, livros, publicações científicas, artigos e revistas. A pesquisa teve início no mês de novembro do ano de 2013 e se estendeu até abril do ano de 2014, para obtenção de dados relevantes ao alcance do objetivo principal da pesquisa.

De acordo com Cervo e Bervian (1996) a pesquisa bibliográfica tem por objetivo explicar um problema por meio de referências teóricas publicadas em documentos buscando conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existente a respeito de um determinado assunto, tema ou problema. Constituindo de maneira geral a primeira etapa de qualquer pesquisa científica.

Segundo Gil (1995) a pesquisa documental tem características quase que idênticas à pesquisa bibliográfica, o que diferencia a natureza das fontes, no que diz respeito as matérias que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa

O universo em estudo foi baseado nos principais produtores, consumidores e exportadores que compõem o comércio do abacaxi no mundo. Por universo entende-se o

conjunto de elementos com determinadas características em comum (GIL, 1995). Para tornar o trabalho mais prático lançou-se mão de uma amostra não probabilística (não aleatória), já que foram selecionadas às unidades de estudo de acordo com a caracterização do mercado em análise.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi uma análise de conteúdo, onde teve uma fonte de pesquisa secundária, nas quais as informações foram elaboradas através da internet, livros, publicações científicas, artigos e revistas. A pesquisa teve o objetivo de verificar dados referentes aos anos de 2005 a 2012.

Segundo Bardin (2009) A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de coleta de dados, que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo de pesquisa, tem por finalidade a interpretação dos mesmos conteúdos pesquisados.

Em relação ao tratamento dos dados, a pesquisa pode ser classificada em uma abordagem quantitativa, pelo fato de esta relacionada à quantificação de dados obtidos mediante pesquisa, sendo necessários recursos e técnicas estatísticas, aos quais podem variar em diferentes graus de complexidade.

Segundo Vergara (1998) a pesquisa quantitativa utiliza procedimentos estatísticos, classificados em dois grandes grupos de teste estatísticos: Parâmetro e não parâmetro. No trabalho utilizou-se o grupo estatístico parâmetro

### **3.2 – Índices Utilizados na pesquisa e Fontes de dados**

Foram utilizados dois índices para o desenvolvimento do trabalho: o Índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e o *Constant Market Share* (CMS).

Os dados utilizados com referências ao comércio exterior foram adquiridos junto ao sistema ALICEWEB do ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, e junto ao Instituto Brasileiro de Frutas (Ibraf).

Os dados referentes à produção e exportação mundial, estes foram obtidos junto ao sistema FAO - *Food and Agriculture Organization*, desenvolvido pelas Organizações das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (2014).



## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A atual seção tem o objetivo de analisar os resultados de duas subseções.

A primeira exibe a evolução da competitividade das exportações do abacaxi paraibano em comparação aos principais estados exportadores da fruta no Brasil, levando em conta o período de análise de 2004 a 2012. Os resultados foram obtidos através do índice de Vantagem Comparativa Revelada (VCR).

A segunda subseção expõe os resultados sobre os principais fatores que motivaram o crescimento das exportações do abacaxi paraibano. Para desenvolver esse estudo foi utilizado o modelo Constant Market Share (CMS).

### 4.1 - Análises do Índice Vantagem Comparativa Revelada

A análise dos dados obtidos pelo índice VCR teve como objetivo mensurar a vantagem comparativa da Paraíba para a exportação do abacaxi em relação aos principais estados exportadores brasileiros e ao Brasil.

Os dados da tabela 11 revelam que em âmbito nacional e ao longo do período de 2005 a 2009, a Paraíba apresentou desvantagem comparativa apenas frente ao estado do Ceará, obtendo vantagem comparativa sobre o Ceará após 2009, ou seja, no período de 2010 a 2012 e apresentou vantagem comparativa em relação aos demais concorrentes durante todo o período de 2005 a 2012. A Paraíba teve uma crescente e significativa vantagem comparativa em relação a todos os principais concorrente e a nível nacional após o ano de 2009, isso se dá aos incentivos públicos e as criações de cooperativas.

Tabela 11 - Resultado do Índice de Vantagem Comparativa Revelada da Paraíba:

Ano	MINAS GERAIS	CEARÁ	PARANÁ	SÃO PAULO	BRASIL
2005	3,15	0,04	74,39	37,12	3,46
2006	13,04	0,05	24,24	68,01	6,37
2007	9,64	0,02	10,48	22,34	2,48
2008	34,84	0,05	37,21	34,77	7,37
2009	15,71	0,05	8,89	27,36	5,59
2010	160,65	8,2	40,84	153,56	141,53
2011	126,49	5,1	53,16	113,41	149,81
2012	53,2	0	64,47	840,51	194,37

Fonte: Resultado de Pesquisa

Conforme observado na tabela, a Paraíba mostra uma vantagem comparativa revelada constante entre os anos de 2005 a 2009 em relação ao estado de São Paulo e a nível nacional, revelando-se um crescimento significativo a partir de 2009, o que reflete um ganho de mercado considerável.

Comparado a Minas Gerais, a Paraíba mostra uma vantagem comparativa revelada crescente, sendo importante destacar uma queda no ritmo de crescimento de competitividade nos anos de 2007, 2009 e 2012 o que sugere uma perda de mercado em relação a esse estado. É importante ressaltar o aumento significativo de competitividade entre os anos de 2009 a 2010.

Em relação ao Paraná, a Paraíba mostra uma vantagem comparativa revelada constante tendo dois anos atípicos, apresentando uma queda competitiva no ano de 2009, o que resulta em uma perda de mercado significativa. No ano de 2005 apresentou um forte crescimento competitivo onde obteve seu melhor desempenho competitivo frente ao estado do Paraná.

O Ceará foi o único estado em que a Paraíba apresentou desvantagem comparativa revelada onde se estendeu entre os anos de 2005 a 2009. Porém mostrou um forte crescimento nos anos seguintes. No ano de 2012 o estado do Ceará não apresentou nenhum resultado ficando com a exportação zerada, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, através da web site (ALICEWEB, 2014).

#### **4.2 - Análises do Modelo *Constant Market Share* (CMS)**

Com base nos resultados obtidos através do desenvolvimento do modelo *Constant Market Share* (CMS), dá para analisar separadamente os três efeitos e a contribuição de cada efeito para a evolução das exportações do abacaxi do estado da Paraíba, no período compreendido entre os anos de 2005 a 2011. Os valores utilizados referiam-se à quantidade em toneladas. Os resultados são mostrados na tabela 12.

A análise do *Constant Market Share* (CMS) teve sua limitação ocasionada por falta de dados referentes à exportação mundial do ano de 2012 (coleta de dados da FAO), desta forma o segundo período foi reduzido de quatro para três anos, assim o segundo período compreende os anos de 2009 a 2011.

No primeiro período, o efeito competitividade foi o que mais contribuiu para as exportações de abacaxi da Paraíba. O efeito crescimento do comércio mundial foi o que teve

maior baixa apresentando valores negativos. Já o efeito destinos das exportações apresentou resultados significantes.

No segundo período, o efeito crescimento do mercado teve uma melhora razoável. Porém os valores continuaram negativos. O efeito competitividade continuou sendo o que mais contribuiu nas exportações de abacaxi do estado. No entanto, o efeito destino das exportações tiveram uma queda em relação ao primeiro período.

Tabela 12. Resultados Constant Market Share, utilizando-se dados em quantidade exportada, para os efeitos: crescimento de mercado, destino das exportações e competitividade.

Fontes de Crescimento	Participação no crescimento (%)		
	2005-2008	2009-2011	2005-2011
Efeito crescimento comércio mundial	-78,95	-11,58	-37,65
Efeito destino das exportações	79,29	15,84	28,78
Efeito competitividade	99,65	95,74	108,88
Crescimento total	100,00	100,00	100,00

Fonte: Resultado das Pesquisas

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar os fatores que contribuíram para o aumento da competitividade das exportações paraibanas de fruta, a nível nacional, entre os anos de 2005 a 2012. Com base nos resultados obtidos através do modelo de Vantagem Comparativa Revelada (VCR) e como complemento o modelo *Constant Market Share* (CMS).

O setor frutícola brasileiro apresentou um desempenho exportador crescente no período em análise do estudo (2005 a 2012). Porém, as exportações de abacaxi do país que vinham em curvas ascendentes, tiveram uma queda significativa a partir do ano de 2009.

A análise da competitividade das exportações de abacaxi da Paraíba, no período de 2005 a 2012, revela que a Paraíba se mostra competitiva em relação aos outros estados brasileiros, apresentando desvantagem apenas para o estado do Ceará até o ano de 2009. A partir do ano de 2009 o estado teve vantagem comparativa revelada em relação a todos os estados concorrentes a nível nacional. O que demonstra seu poder competitivo frente aos estados brasileiros.

Por outro lado, observamos que o estado pode ser ainda mais competitivo no setor exportador. Levando em conta que a Paraíba é o maior produtor de abacaxi do país. Observamos que o mesmo precisa melhorar o setor exportador, para assim, ganhar mais competitividade frente aos demais estados brasileiros.

Quanto aos fatores que mais contribuíram para o desempenho das exportações de abacaxi da Paraíba, o relacionamento à competitividade foi o mais importante, nos dois períodos em estudo (2005 a 2008) e (2009 a 2011). O que mais preocupa é que o crescimento do comércio exportador paraibano não acompanha o crescimento do comércio mundial. Porém, os destinos das exportações de abacaxi da Paraíba foram menos dinâmicos, onde os países de destino aumentaram as importações do abacaxi paraibano.

Diante de tais considerações, o desafio para a Paraíba é torna-se um grande exportador de abacaxi no comércio internacional. Para que isso se torne concreto, é necessário investir em todos os fatores que contribuam para a qualidade da fruta, como também buscar incentivar o consumo, mostrando os benefícios da fruta para outros mercados internacionais.

No geral, as exportações paraibanas não apresentaram bons resultados. Porém, é possível observar uma conscientização da importância que a fruta tem para o aumento da economia paraibana, pois o estado possui uma localização geográfica favorável, cercado pelo

litoral e tem ótimas condições edafoclimáticas, áreas para produção e mão-de-obra qualificada.

Sendo assim, a finalidade dessa pesquisa veio mostrar a relevância do abacaxi na pauta exportadora da Paraíba, frente aos estados brasileiros. O que ratifica a importância na economia do estado, quanto à produção dessa fruta na geração de emprego, renda e divisas.

Diante do exposto, observa-se que a Paraíba tem um forte poder competitivo em relação ao comércio de abacaxi, devido à grande produção e a qualidade do produto ofertado. Entretanto, faz-se necessário a implantação de políticas públicas que dêem suporte e proporcionem o aumento da competitividade, não só do abacaxi, mas também, do setor frutícola como um todo, visando conquistar novos mercados consumidores, além de aumentar a participação nos atuais demandantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, E. LIMA, P S. SILVA, M L. MAYORGA, D R. LIMA, F de. *Competitividade das exportações mundiais de plantas vivas e produtos de floricultura*. Revista Análise Econômica, Porto Alegre, v.25, n. 47, setembro, 2007.

*Anuário brasileiro da fruticultura*, 2013 / Heloísa Poll...[et al]. - Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta. Santa Cruz, 2013. 136 p.: il.

BADO, A. L. Das vantagens comparativas à construção das vantagens competitivas: uma resenha das teorias que explicam o comércio internacional 2004. *Revista de Economia e Relações Internacionais*, v.3, n. 5, 2004.

BALASSA, B. *Trade Liberalization and "Revealed" Comparative Advantage*. The Manchester School of Economic and Social Studier, Manchester. vol. 33, Issue, pp. 99 - 123, 1965.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 2009.

BRANCO, D K. *Análise da competitividade das exportações do Brasil de frutas selecionas no mercado internacional*. 2013. Dissertação (Mestrado em Economia do PPGECON) - Universidade Federal de Pernambuco, Parnaíba-PI, 2013.

CARBAUGH, R. J. *Economia Internacional*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

CORREIA, E. ROSA. *O Comércio Internacional: Instituto Superior de Engenharia de Coimbra*: Departamento de Engenharia Civil, Coimbra, junho, 2006.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. Metodologia científica. 4ª. edição. São Paulo: Markron Books, 1996. 209p.

FAO, Food and Agriculture Organization of the United Nations. *FaoStat*. Disponível em: <http://faostat.fao.org/> Acesso em: 17 mar. 2014.

FIORAVANÇO, J.C.; PAIVA, M.C. Competitividade e fruticultura brasileira. *Informações Econômicas*, São Paulo, v. 32, n. 7, p. 24-40, jul. 2002.

GIL, A. C. *Técnica de Pesquisa em Economia*. 2ª. edição. São Paulo: Atlas, 1995. 195p.

VITTI, Aline. *Análise da competitividade das exportações brasileiras de frutas selecionadas no mercado internacional*. 2009. Dissertação (Mestrado) Ciências – Economia Aplicada, Universidade de São Paulo - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, 2009.

HOLANDA, M. C. *Dinâmica e determinantes da vantagem comparativa: o exemplo Asiático*. Texto para discussão CAEN, n, 230, 2002.

HIDALGO, A. B. Exportações do Nordeste do Brasil: Crescimento e mudança na estrutura. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 31, n. especial, 2000.

KRUGMAN, OBSTFELD. *Economia Internacional*. 8.ed. São Paulo: Pearson Addison Wesley, 2010.

LEAMER, E. E.; STERN, R. M. *Quantitative international economics*. Chicago: Aldine, 1970. p. 171-183.

MAIA, S. F.; RODRIGUES, M. B.; SILVA, C. C. Avaliação do PROEX para obtenção da vantagem comparativa brasileira do setor agrícola brasileiro de 1989-2003, uma avaliação econométrica. *Congresso da sociedade brasileira economia e sociologia rural*, 2004, Cuiabá

ROCHA, L E. MENDONÇA, T G. *Desempenho das exportações de soja em grão: uma análise de constant-market-share*. Artigo Científico, Curso de Ciência Econômicas da Universidade Federal de São João del-rei, 2002.

SIQUEIRA, K B. PINHA, L C. *Vantagens comparativas reveladas do Brasil no comércio internacional de lácteos*. *Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento* 34. Juiz de Fora – MG, 2011.

VERGARA, S. C. *Projetos e Relatórios de Pesquisas em Administração*. São Paulo: Atlas, 1998. 1ª. Edição: 1997. 90p.